

PSICOLOGIA FINANCEIRA: A INFLUÊNCIA DOS FATORES PSICOLÓGICOS NAS DECISÕES FINANCEIRAS E NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Renan Luís Ribeiro Martins¹.

¹UNIARP, Caçador, Santa Catarina.

<https://lattes.cnpq.br/7941927566379562>

RESUMO: A Psicologia Financeira investiga como fatores emocionais, cognitivos e sociais influenciam a forma como as pessoas administram seus recursos financeiros. O presente estudo teve como objetivo analisar a influência do desejo, das emoções, das relações interpessoais e das pressões sociais sobre as decisões financeiras, discutindo suas repercussões para o comportamento de consumo, o endividamento e a saúde mental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica da literatura. Os estudos analisados evidenciaram que aspectos como impulsividade, ansiedade, necessidade de reconhecimento social, baixa educação financeira e influência das redes sociais contribuem para decisões econômicas menos conscientes, favorecendo o comprometimento da estabilidade financeira e do bem-estar psicológico. Em contrapartida, verificou-se que a educação financeira associada ao desenvolvimento do autocontrole e da inteligência emocional favorece escolhas mais equilibradas, reduz comportamentos impulsivos e fortalece a autonomia financeira. Conclui-se que a saúde financeira e a saúde mental apresentam relação direta, tornando necessária uma abordagem interdisciplinar que integre conhecimentos da Psicologia, da Educação e das Ciências da Saúde para promoção da qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia financeira. Saúde mental. Educação financeira.

FINANCIAL PSYCHOLOGY: THE INFLUENCE OF PSYCHOLOGICAL FACTORS ON FINANCIAL DECISIONS AND THE PROMOTION OF MENTAL HEALTH

ABSTRACT: Financial Psychology investigates how emotional, cognitive and social factors influence the way individuals manage financial resources. This study aimed to analyze the influence of desire, emotions, interpersonal relationships and social pressure on financial decision-making, discussing their effects on consumer behavior, indebtedness and mental health. This is a qualitative, basic, exploratory and descriptive study developed through a literature review. The analyzed studies demonstrated that impulsivity, anxiety, the need for social approval, limited financial education and the influence of social media contribute to less conscious financial decisions, increasing the risk of indebtedness and psychological distress. Conversely, financial education combined with emotional self-regulation and self-awareness promotes healthier financial behaviors, improves decision-making and

contributes to greater financial autonomy. The findings indicate that financial health and mental health are closely related, reinforcing the importance of interdisciplinary strategies involving Psychology, Education and Health Sciences to promote well-being and quality of life.

KEYWORDS: Financial psychology. Mental health. Financial education.

INTRODUÇÃO

As decisões financeiras fazem parte da rotina das pessoas e influenciam diferentes dimensões da vida, ultrapassando aspectos exclusivamente econômicos. A forma como os indivíduos administram recursos, realizam escolhas de consumo, lidam com dívidas ou planejam investimentos está intimamente relacionada a fatores emocionais, cognitivos e sociais. Sob essa perspectiva, a Psicologia Financeira emerge como um campo interdisciplinar que busca compreender os processos psicológicos envolvidos no comportamento financeiro, demonstrando que as escolhas monetárias são fortemente influenciadas por crenças, emoções, experiências de vida, relações interpessoais e padrões comportamentais construídos ao longo do desenvolvimento.

O crescimento do consumo digital, da oferta facilitada de crédito, das compras instantâneas e da intensa exposição às redes sociais ampliou os desafios relacionados ao gerenciamento financeiro. Paralelamente, observa-se o aumento de situações de endividamento, ansiedade financeira e sofrimento psicológico decorrentes da incapacidade de equilibrar desejos de consumo com a realidade econômica. Nessa realidade, compreender o comportamento financeiro torna-se uma questão que ultrapassa a economia doméstica, alcançando diretamente a promoção da saúde mental, do bem-estar e da qualidade de vida.

A literatura demonstra que emoções como ansiedade, medo, culpa, impulsividade, frustração e necessidade de reconhecimento social exercem influência significativa sobre a tomada de decisões financeiras (Almeida; Andrade, 2022). Em muitos casos, o consumo deixa de atender necessidades objetivas e passa a desempenhar funções emocionais, sendo utilizado como mecanismo de compensação, pertencimento social ou busca por satisfação imediata. Como afirmam Almeida e Andrade (2022, p. 496), “o comportamento financeiro sofre influência direta de fatores psicológicos”, evidenciando que compreender esses mecanismos é indispensável para prevenir comportamentos disfuncionais relacionados ao dinheiro.

Outro aspecto relevante refere-se à influência exercida pelo ambiente social. A constante exposição a padrões de consumo idealizados, impulsionados pelas redes sociais e por influenciadores digitais, contribui para o fortalecimento de expectativas irreais de sucesso financeiro e felicidade associadas ao consumo. Andrade e Moura (2023) destacam que a comunicação digital passou a exercer papel determinante na construção do comportamento financeiro contemporâneo, favorecendo tanto o acesso à educação financeira quanto o estímulo ao consumo impulsivo.

A educação financeira também assume papel estratégico na promoção da saúde integral. Mais do que ensinar conceitos técnicos sobre orçamento ou investimentos, ela favorece o desenvolvimento de competências relacionadas ao autocontrole, ao planejamento, à tomada de decisão consciente e à regulação emocional diante das pressões do consumo. Silva e Monteiro (2023, p. 7) afirmam que “a educação financeira possibilita escolhas mais conscientes”, reforçando sua importância como instrumento de prevenção ao endividamento e de fortalecimento do equilíbrio financeiro e psicológico.

Diante desse cenário, discutir Psicologia Financeira significa compreender que saúde financeira e saúde mental constituem dimensões interdependentes. Problemas econômicos podem desencadear estresse, ansiedade, conflitos familiares e redução da qualidade de vida, enquanto o equilíbrio emocional favorece decisões mais racionais, planejamento consistente e maior bem-estar. Assim, este estudo propõe analisar como desejo, poder, dinheiro e relações interpessoais influenciam as decisões financeiras, discutindo seus reflexos sobre o comportamento humano, o consumo, o endividamento e a promoção da saúde mental, contribuindo para ampliar a compreensão desse fenômeno sob uma perspectiva interdisciplinar.

OBJETIVO

Analisar a influência dos fatores psicológicos, emocionais e sociais nas decisões financeiras dos indivíduos, discutindo como desejo, poder, dinheiro e relações interpessoais interferem no comportamento de consumo, no planejamento financeiro e na ocorrência do endividamento. Busca-se, ainda, compreender a relação entre comportamento financeiro e saúde mental, evidenciando a importância da educação financeira e do desenvolvimento do autocontrole emocional como estratégias capazes de favorecer escolhas mais conscientes, promover o bem-estar psicológico e contribuir para uma melhor qualidade de vida.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica. A investigação fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa descritos por Denzin e Lincoln (2006) e foi conduzida de forma sistematizada conforme as orientações de Sampaio e Mancini (2007).

A busca bibliográfica foi realizada nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando os descritores “psicologia financeira”, “comportamento financeiro”, “educação financeira”, “endividamento”, “consumo” e “saúde mental”. Foram selecionadas publicações em língua portuguesa, preferencialmente entre 2021 e 2024, além das obras metodológicas consideradas fundamentais para o estudo.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos científicos, livros e trabalhos acadêmicos relacionados à influência dos fatores psicológicos nas decisões financeiras, enquanto foram excluídos estudos duplicados, incompletos ou sem relação direta com

o tema. Após a seleção, os materiais foram submetidos à leitura e análise interpretativa, possibilitando a identificação das principais evidências sobre comportamento financeiro, consumo, educação financeira e saúde mental.

Por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, realizada com dados de domínio público e sem participação de seres humanos, não houve necessidade de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Psicologia financeira e comportamento humano

A Psicologia Financeira constitui um campo interdisciplinar que busca compreender como fatores emocionais, cognitivos e sociais influenciam as decisões econômicas dos indivíduos. Diferentemente das abordagens tradicionais da economia, que partem do pressuposto da racionalidade absoluta, essa perspectiva reconhece que as escolhas relacionadas ao dinheiro são permeadas por experiências pessoais, crenças, valores, emoções e relações construídas ao longo da vida. Dessa forma, compreender o comportamento financeiro exige uma análise que considere aspectos subjetivos capazes de interferir diretamente na forma como as pessoas consomem, poupam, investem ou administram seus recursos financeiros.

Embora o conhecimento técnico sobre finanças seja importante, ele não explica, isoladamente, por que indivíduos com condições econômicas semelhantes apresentam comportamentos financeiros completamente distintos. A maneira como cada pessoa interpreta o dinheiro está associada às experiências vivenciadas na infância, à educação recebida, ao ambiente familiar, às influências culturais e aos processos psicológicos que moldam sua percepção sobre segurança, sucesso e realização pessoal. Conforme Almeida e Andrade (2022), fatores psicológicos exercem influência significativa sobre o processo de endividamento, demonstrando que emoções e crenças frequentemente prevalecem sobre análises estritamente racionais.

Entre os principais elementos estudados pela Psicologia Financeira destacam-se os vieses cognitivos, mecanismos mentais automáticos que influenciam julgamentos e decisões. Esses processos facilitam escolhas rápidas, porém podem comprometer a capacidade de avaliação crítica diante de situações financeiras complexas. Segundo Mira (2023), comportamentos como aversão à perda, excesso de confiança e comportamento gregário alteram significativamente a forma como os indivíduos administram seus recursos, favorecendo decisões impulsivas ou excessivamente conservadoras.

A aversão à perda representa um dos vieses mais frequentemente observados. Nessa situação, o indivíduo atribui maior peso às possíveis perdas do que aos potenciais ganhos, mesmo quando os riscos são controlados. Como resultado, investimentos potencialmente vantajosos podem ser evitados pelo receio de prejuízos imediatos, comprometendo estratégias financeiras de longo prazo. Mira (2023, p. 18) afirma que “o medo de perder costuma superar a expectativa de ganhar”, evidenciando como aspectos emocionais podem limitar escolhas economicamente mais adequadas.

Outro fenômeno relevante corresponde ao excesso de confiança, caracterizado pela superestimação da própria capacidade para tomar decisões financeiras. Pessoas que acreditam dominar determinado assunto tendem a assumir riscos incompatíveis com seu conhecimento, ignorando informações importantes ou subestimando possíveis consequências negativas. Esse comportamento favorece investimentos precipitados, consumo inadequado e dificuldades na administração do patrimônio, especialmente quando associado à ausência de planejamento financeiro.

O comportamento gregário também merece destaque por demonstrar a influência exercida pelo ambiente social sobre as decisões econômicas. Muitas pessoas reproduzem comportamentos observados em familiares, amigos ou grupos sociais, acreditando que seguir a maioria representa uma alternativa mais segura. Entretanto, essa tendência reduz a autonomia decisória e pode estimular investimentos inadequados, consumo impulsivo ou endividamento decorrente da tentativa de acompanhar padrões sociais incompatíveis com a realidade financeira individual (Mira, 2023).

A literatura evidencia que o dinheiro possui significados que ultrapassam seu valor econômico. Para algumas pessoas representa segurança; para outras, simboliza liberdade, reconhecimento, poder ou sucesso. Esses significados subjetivos influenciam diretamente a maneira como os recursos financeiros são utilizados. El Khatib (2024) destaca que a relação estabelecida com o dinheiro está profundamente conectada às necessidades emocionais e aos processos de construção da identidade, tornando o comportamento financeiro um reflexo das experiências psicológicas acumuladas ao longo da vida.

Essa compreensão amplia o papel da Psicologia Financeira dentro das ciências da saúde. O desequilíbrio financeiro frequentemente está associado ao aumento dos níveis de estresse, ansiedade e sofrimento emocional, demonstrando que dificuldades econômicas não produzem apenas consequências materiais, mas também impactos importantes sobre a saúde mental. Dessa forma, compreender os mecanismos psicológicos envolvidos nas decisões financeiras representa uma estratégia relevante para prevenção do adoecimento emocional e promoção do bem-estar.

Emoções, consumo e saúde mental

As emoções exercem papel determinante na maneira como os indivíduos administram seus recursos financeiros. Diversas decisões de compra não são motivadas exclusivamente pela necessidade objetiva de determinado produto ou serviço, mas pelo desejo de aliviar sentimentos negativos, obter reconhecimento social ou experimentar satisfação imediata. Essa característica evidencia que o consumo frequentemente desempenha funções emocionais, tornando-se um mecanismo de compensação diante de situações de ansiedade, estresse, frustração ou baixa autoestima.

A literatura demonstra que estados emocionais intensos reduzem a capacidade de avaliação racional, favorecendo escolhas impulsivas. Almeida e Andrade (2022) explicam que indivíduos emocionalmente vulneráveis tendem a apresentar maior predisposição ao consumo

compulsivo, utilizando compras como estratégia temporária para minimizar sentimentos desagradáveis. Nesses casos, o alívio emocional obtido após a aquisição costuma ser breve, sendo posteriormente substituído por culpa, arrependimento e preocupação financeira.

Segundo Almeida e Andrade (2022, p. 498), “a compra compulsiva busca minimizar sentimentos desagradáveis”, evidenciando que esse comportamento ultrapassa questões relacionadas ao consumo e aproxima-se de mecanismos psicológicos de enfrentamento emocional. O problema torna-se ainda mais grave quando o indivíduo passa a utilizar o crédito de maneira indiscriminada, comprometendo sua renda futura e favorecendo processos de endividamento.

Outro aspecto relevante refere-se à autoestima. Pessoas que apresentam percepção negativa sobre si mesmas frequentemente buscam no consumo uma forma de compensação emocional ou validação social. Produtos de maior valor simbólico passam a representar status, pertencimento ou sucesso, ainda que sua aquisição comprometa significativamente a estabilidade financeira. Camargo e Domingos (2021) observam que características da personalidade influenciam diretamente o comportamento financeiro, tornando alguns indivíduos mais suscetíveis ao consumo impulsivo diante de pressões emocionais.

A comparação constante com outras pessoas também favorece o desenvolvimento de comportamentos financeiros prejudiciais. Em uma sociedade marcada pela valorização da aparência e da exposição social, muitos consumidores passam a estabelecer padrões de sucesso baseados no patrimônio ou no estilo de vida apresentado por terceiros. Essa dinâmica estimula gastos incompatíveis com a renda disponível e aumenta o risco de comprometimento financeiro, especialmente quando associada ao fácil acesso ao crédito.

Sob a perspectiva da saúde mental, as consequências desse processo são expressivas. O endividamento prolongado está frequentemente relacionado ao aumento dos níveis de ansiedade, insegurança, estresse crônico e conflitos familiares. A preocupação constante com pagamentos, cobranças e dificuldades financeiras interfere na qualidade do sono, reduz a produtividade e compromete o bem-estar psicológico. Nessas circunstâncias, problemas financeiros deixam de representar apenas dificuldades econômicas e passam a constituir importante fator de risco para o sofrimento emocional.

Redes sociais, influência digital e construção do desejo de consumo

A expansão das redes sociais modificou significativamente a forma como as pessoas consomem informações, constroem suas preferências e tomam decisões financeiras. A exposição constante a conteúdos relacionados ao sucesso financeiro, bens de consumo e estilos de vida idealizados favorece processos de comparação social, influenciando o comportamento do consumidor e estimulando desejos que, muitas vezes, não correspondem às suas necessidades reais. Andrade e Moura (2023) destacam que os influenciadores digitais exercem importante papel na formação das decisões de consumo, especialmente por estabelecerem relações de confiança com seus seguidores.

O marketing digital intensificou essa influência ao utilizar estratégias personalizadas

capazes de despertar necessidades e incentivar compras por impulso. Nesse contexto, produtos e serviços deixam de ser adquiridos apenas por sua utilidade e passam a representar símbolos de status, pertencimento e reconhecimento social. Conforme Inácio et al. (2023), fatores emocionais e sociais participam diretamente do processo de decisão de compra, demonstrando que o consumo frequentemente é motivado por aspectos subjetivos.

Essa dinâmica também repercute sobre a saúde mental. A constante comparação com padrões idealizados pode gerar sentimentos de frustração, ansiedade e insatisfação, favorecendo comportamentos financeiros inadequados e comprometendo o equilíbrio emocional. Quando associada ao fácil acesso ao crédito, essa realidade aumenta o risco de endividamento e dificuldades na administração das finanças pessoais.

Apesar desses desafios, as redes sociais também podem atuar como instrumentos de educação financeira ao disseminarem conteúdos sobre planejamento, organização financeira e consumo consciente. O impacto dessas plataformas depende da capacidade crítica do indivíduo em selecionar informações confiáveis e utilizá-las de maneira favorável ao desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis.

Educação financeira como estratégia de promoção da saúde

A educação financeira representa uma ferramenta importante para o desenvolvimento de comportamentos econômicos mais conscientes e responsáveis. Seu objetivo vai além da aprendizagem sobre orçamento ou investimentos, envolvendo o fortalecimento da capacidade de planejamento, do autocontrole e da tomada de decisões fundamentadas. Silva e Monteiro (2023) afirmam que a educação financeira favorece escolhas mais conscientes e contribui para uma gestão mais eficiente dos recursos pessoais.

O desenvolvimento dessas competências apresenta reflexos diretos sobre a saúde mental. Pessoas que conseguem organizar suas finanças tendem a experimentar menores níveis de estresse relacionados ao dinheiro, além de maior sensação de segurança e controle sobre a própria vida. Da mesma forma, a prevenção do endividamento reduz conflitos familiares, insegurança financeira e outros fatores associados ao sofrimento psicológico.

Souza, Martins e Jacob (2022) ressaltam que o ensino da educação financeira desde a juventude contribui para a formação de adultos mais preparados para lidar com desafios econômicos, favorecendo hábitos de planejamento e consumo responsável. Esse processo fortalece a autonomia financeira e amplia a capacidade de enfrentar situações imprevistas sem comprometer a estabilidade emocional.

Assim, promover a educação financeira significa investir simultaneamente na saúde econômica e na saúde mental da população. A integração entre conhecimento financeiro, inteligência emocional e consumo consciente favorece uma relação mais equilibrada com o dinheiro, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para o desenvolvimento de uma sociedade mais preparada para enfrentar os desafios financeiros contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que as decisões financeiras são resultado da interação entre fatores econômicos, emocionais, cognitivos e sociais, evidenciando que o comportamento relacionado ao dinheiro ultrapassa aspectos exclusivamente técnicos. A forma como cada indivíduo percebe o consumo, administra seus recursos e estabelece prioridades financeiras é construída a partir de experiências pessoais, valores, influências culturais e relações interpessoais, tornando a Psicologia Financeira um importante campo de investigação para compreender a complexidade das escolhas econômicas contemporâneas.

Os resultados demonstraram que emoções como ansiedade, insegurança, necessidade de reconhecimento social e busca por gratificação imediata exercem influência significativa sobre o comportamento financeiro, favorecendo, em determinadas circunstâncias, práticas de consumo impulsivo e situações de endividamento. Paralelamente, observou-se que a expansão das redes sociais e da comunicação digital intensificou a exposição a padrões de consumo frequentemente incompatíveis com a realidade financeira da população, ampliando desafios relacionados ao planejamento econômico e ao equilíbrio emocional.

Também foi possível identificar que a educação financeira representa uma estratégia essencial para fortalecer a autonomia, o pensamento crítico e a capacidade de tomada de decisão consciente. Entretanto, seus benefícios tornam-se mais consistentes quando associados ao desenvolvimento do autoconhecimento, da inteligência emocional e da reflexão sobre os fatores psicológicos que influenciam a relação das pessoas com o dinheiro. Essa integração favorece não apenas uma administração financeira mais eficiente, mas também contribui para a redução do estresse, da ansiedade e de outros impactos negativos decorrentes das dificuldades econômicas.

Sob a perspectiva da saúde, torna-se evidente que saúde financeira e saúde mental apresentam relação direta e complementar. O equilíbrio das finanças pessoais pode reduzir fatores associados ao sofrimento psicológico, enquanto o fortalecimento da saúde emocional amplia a capacidade de planejamento, autocontrole e enfrentamento das pressões sociais relacionadas ao consumo. Assim, promover uma relação mais consciente com o dinheiro significa também investir na qualidade de vida e no bem-estar das pessoas.

Espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre Psicologia Financeira no contexto das ciências da saúde, incentivando novas pesquisas que aprofundem a compreensão dos determinantes psicológicos do comportamento financeiro e subsidiem estratégias educativas e preventivas voltadas à promoção da saúde integral da população.

REFERÊNCIAS

ANCELMO, Lúcia Aparecida; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. A cultura do consumo e o endividamento excessivo: uma discussão sobre possíveis intervenções da educação financeira. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, e444111132282, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.32282>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index>.

php/rsd/article/view/32282. Acesso em: 10 ago. 2024.

ANDRADE, Halbert Ferreira; MOURA, Luiz Rodrigo Cunha. O impacto dos influenciadores digitais sobre o comportamento do consumidor de investimentos financeiros. *Revista de Gestão e Secretariado (Management and Administrative Professional Review)*, v. 14, n. 9, p. 16245-16272, set. 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i9.2747. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/374341802_O_impacto_dos_influenciadores_digitaais_sobre_o_comportamento_do_consumidor_de_investimentos_financeiros>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ALMEIDA, I. J. O., & ANDRADE, V. L. P. (2022). Os fatores psicológicos envolvidos no processo de endividamento sob a perspectiva da psicologia econômica. **Cadernos de Psicologia**, 4(7), 490-507. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3287>>. Acesso em: 10 Ago. 2024.

CAMARGO, Fabiane Kennya de; DOMINGOS, Reinaldo. A influência dos traços de personalidade no comportamento financeiro dos indivíduos: estudo em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 6, n. 12, p. 111-132, 2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/administracao/comportamento-financeiro>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

DEZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (pp. 15-41). **Artmed Editora**.

EL KHATIB, Ahmed Sameer. *Dinheiro Inteligente: Como a Psicologia Financeira Pode Mudar Sua Vida*. São Paulo: Amazon, 2024. ISBN B0D5JM68WG.

INÁCIO, Alessandra do Nascimento Santana; SANTOS, Aline Pereira; OLIVEIRA, Anaísa Duarte de; SILVA, Maria José Pereira da. Análise do comportamento do consumidor na decisão de compra. **Administração, Ciências Exatas e da Terra, Interdisciplinar**, v. 27, n. 125, ago. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/analise-do-comportamento-do-consumidor-na-decisao-de-compra/>. Acesso em: 09 ago. 2024. DOI: 10.5281/zenodo.8206110.

MIRA, Eduardo. Psicologia do Dinheiro: como ela influencia suas decisões. **Forbes Brasil**, 13 out. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2023/10/eduardo-mira-psicologia-do-dinheiro-como-ela-influencia-suas-decisoes/>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SAMPAIO, R. F., & MANCINI, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 11(1), 83-89.

SILVA, Bruno Araujo Bispo da; MONTEIRO, Jamir Mendes. Educação Financeira: Um estudo sobre a sua importância na gestão pessoal. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, e16212642125, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i6.42125>. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/42125>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SILVA, Helena. **A Psicologia econômica e a influência na tomada de decisão dos consumidores no município de Palotina-PR**. 2021. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – Conselho Regional de Economia do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em:

<https://www.coreconpr.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/helena.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SOUZA, Renata Natividade; MARTINS, Jéssica Natália da Silva; JACOB, Kamila Gabriela. A importância da educação financeira para o desenvolvimento dos alunos no terceiro ano do ensino médio. *Ciência Dinâmica – Revista Científica Eletrônica, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga*, v. 21, n. 1, 2022. ISSN 2176-6509. DOI: 10.4322/2176-6509.2022.023. Disponível em: <https://revista.faculadedinamica.com.br/index.php/cienciadinamica/article/view/112>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SOUZA, Rodrigo Alberto Peixoto Rodrigues de; SOUZA, Maria Aparecida de. Relação entre consumo e felicidade: uma reflexão acerca desses conceitos na sociedade contemporânea. **PhD Scientific Review**, ISSN 2676-0444

TRAVERS, Mark. Como o dinheiro afeta o seu relacionamento, segundo estudo. **Forbes Brasil, Redação US**, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2024/03/como-o-dinheiro-afeta-o-seu-relacionamento-segundo-estudo/>. Acesso em: 10 ago. 2024.